

INVESTIMENTOS

Mercado projeta juro real de 33% ao ano

Custo do dinheiro está no nível mais baixo, desde o lançamento do Real

ANGELA BITTENCOURT

O juro real no Brasil está consolidando um nível: 33% ao ano acima da taxa de câmbio. Essa é a margem média positiva já utilizada como indicação para os investidores estrangeiros e tende a prevalecer, se a projeção para novembro de custo efetivo da moeda negociada no mercado aberto for confirmada.

Neste mês, o juro sustentado pelo Banco Central até agora é o menor desde o lançamento do Plano Real em julho de 1994.

Com o câmbio praticamente estável — sofrendo um único ajuste em 30 dias e ainda assim recuando, por causa da oferta de divisas — o custo real do dinheiro é de 24,8% ao ano (1,86% ao mês).

A menos de uma semana da virada para dezembro, a perspectiva para novembro inteiro — frente ao equilíbrio do dólar comercial — corresponde a 33% ao ano.

Posição firme — É expressiva a distância que separa o juro cobrado e o estimado. Ainda assim, se esse diferencial for anulado nos próximos dias, o real estará, novamente, mantendo firme posição na média de 2,4% ao mês que vem sendo perseguida desde junho.

Desde o início dos anos 90, frequência semelhante de taxa — mas um degrau abaixo — foi observada apenas em 1993, quando o custo do dinheiro sobre o câmbio deslizou preguiçosamente entre 1,21% e 1,42% ao mês entre maio e setembro.

Apos um período de grande turbulência — deflagrado com o Plano Real, que produziu um brusco corte de todos os valores nominais da economia — em 1995, o juro overnight do mercado aberto foi desequilibrado basicamente pela trajetória errática do câmbio.

Março e maio foram dois meses de desajuste completo, uma vez que em março o real sofreu forte desvalorização com a insegurança do mercado, que passou a trabalhar com bandas de flutuação da taxa de câmbio. Em maio o movimento foi exatamente contrário. O real valorizou. A correção cambial foi negativa e o juro em moeda local subiu para 5,05%.

A partir de junho, o declínio discreto — mas persistente do custo do dinheiro — combinado com uma correção cambial menos volátil resultou em equilíbrio, embora elevada, margem entre juro e câmbio.

O QUE ESPERAR DA ECONOMIA

As projeções da ICA Consultores

Indicadores	Curto prazo	Médio prazo	Observações
Inflação (IPC-Fipe)	Entre 0,8% e 1,1% em novembro	Cerca de 1,4% em dezembro. Tendência de queda em 1996	Contenção dos serviços e bens industrializados confirma tendência de baixa
Produção industrial	Prossegue a frágil recuperação	Estagnação no primeiro trimestre de 96/último trimestre de 95	Queda do ritmo dos investimentos deve inibir crescimento mais sustentado
Balança comercial	Saldo em queda até dezembro	Poucos riscos de déficits em alta no início de 96	Perspectiva é de que as exportações percam força a partir de novembro
Balanço de pagamentos	Juros elevados mantêm ingresso de capital em alta	Reservas internacionais devem passar de US\$ 48 bilhões este ano	Governo pode adotar novas medidas para conter o ritmo das entradas financeiras
Finanças Públicas	Resultados negativos persistem no final do ano	Situação deve melhorar com a redução das taxas de juros	Resultados da União tendem a melhorar com redução do déficit operacional em 96
Juros	Cerca de 2,8% em novembro (2% em dólar na média mensal)	Taxas podem passar a ter cortes mais acentuados	Juros em dólar estão muito altos, mas quadro macroeconômico favorável permite corte
Câmbio	Desvalorização mantém ritmo lento	Dólar deve estar cotado a R\$ 0,98 no final de dezembro	Cálculo da desvalorização é feito com previsão de inflação de 12% a 13% ao ano
Nível de atividade internacional	Crescimento moderado na Europa e nos EUA	A economia japonesa tende a se recuperar	Japão deve resolver crise financeira com ajuda do Federal Reserve; Argentina e México ainda preocupam
Juros externos	Taxas devem se manter estáveis	Nos EUA, taxas podem cair se déficit orçamentário for reduzido	Juros internacionais podem subir em 97 caso a recuperação global seja maior